

JULIA MARIA BORGES ANACLETO

CONHECIMENTO E
DESEJO DE SABER:
DE PIAGET
A LACAN

1ª edição · 2019
São Paulo



Instituto
Langage

Impresso no Brasil

Copyright © da 1ª Edição, 2019, Instituto Langage

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

EDITORES

Erika Parlato-Oliveira

Sergio Lopes de Oliveira

EDITOR TÉCNICO

Celso Riquena

CONSELHO EDITORIAL

Anna Carolina Lo Bianco - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Cristovão Giovanni Burgarelli - Universidade Federal de Goiás

Daniel Revah - Universidade Federal de São Paulo

Ilaria Pirone - Université Paris 8 (França)

Jole Orsenigo - Università degli Studi di Milano-Bicocca (Italia)

Leandro de Lajonquière - Universidade de São Paulo; Université Paris 8

Marcelo Ricardo Pereira - Universidade Federal de Minas Gerais

Margareth Diniz - Universidade Federal de Ouro Preto

Maria Cristina Kupfer - Universidade de São Paulo

Perla Zelmanovich - Universidad de Buenos Aires; FLACSO (Argentina)

Sandra Francesca Conte de Almeida - Universidade de Brasília

Simone Zanon Moschen - Universidade Federal de Rio Grande do Sul

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Thiago Pagin

REVISÃO

Sandra Lopes Barroso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Anacleto, Julia Maria Borges / Conhecimento e desejo de saber: de Piaget a Lacan – São Paulo: Instituto Langage, 2019
208 p.; 21 cm.

ISBN: 978-85-62686-40-5

1. Educação 2. Pedagogia 3. Psicanálise 4. Psicopedagogia 5. Teoria do Conhecimento 6. Desenvolvimento infantil

CDD 150 CDU 159.9

INSTITUTO LANGAGE

Alameda Santos, 1398 - conj. 67 - São Paulo, SP

Telefone: (11) 3473 5458

www.institutolangage.com.br

institutolangage@institutolangage.com.br

facebook.com/Instituto-Langage



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	19
I. A INCORPORAÇÃO DA AFETIVIDADE AOS ESTUDOS PIAGETIANOS	33
I.1. Emergência de novidades epistêmicas: do sujeito epistemológico ao “sujeito psicológico”	34
I.2. Da particularidade à afetividade: a sujeição do problema aos pressupostos psicológicos	37
I.3. Integração da psicanálise aos pressupostos psicológicos	42
I.4. Psicologia como ciência da verificação empírica: a apreensão do processo evolutivo de desenvolvimento cognitivo e afetivo a partir dos enunciados da criança	47
I.5. Da afetividade à causalidade	50
2. A ESTRUTURA DO SIGNIFICANTE E O EFEITO SUJEITO	55
2.1. Divisão subjetiva teorizada a partir do estágio do espelho	60
2.2. Da ciência do homem à ciência da letra	66
2.3. Ciência da letra: a estrutura da linguagem como estrutura significante	71
2.4. O sujeito como efeito da estrutura	79
2.5. Do sujeito-efeito à sua causa	84

3. “PULSÃO DE SABER” E CAUSALIDADE	87
3.1. Teorias sexuais infantis e pulsão de saber	89
3.2. Hans: articulações entre teorias sexuais infantis, angústia e castração	96
3.3. O “encontro” com a castração e os impasses na reconsideração da angústia	103
3.4. A leitura lacaniana do caso Hans	110
3.5. Nome-do-Pai: lei da incompletude e causa de desejo	123
3.6. Angústia: efeito do perigo de que a falta venha a faltar	136
3.7. Desdobramentos da leitura lacaniana do caso Hans na consideração das teorias sexuais infantis	141
3.8. A estrutura paranoica do conhecimento e a “resolução” edípica	148
4. DA INTEGRAÇÃO ENTRE O COGNITIVO E O AFETIVO À DIALÉTICA INTERSUBJETIVA DA DEMANDA E DO DESEJO	155
4.1. Ampliação do princípio de equilíbrio e verificação empírica como operadores da anulação da diferença	156
4.2. O infantil como tempo de transição e sua persistência como disfunção	159
4.3. Estruturalismo e crítica radical ao substancialismo	162
4.4. O método de verificação empírica e a expectativa teórica do experimentador	166
4.5. Da influência da expectativa externa à causalidade estrutural	169
4.6. Causalidade estrutural: a experiência freudiana entre a expectativa de verificação e a escuta dos efeitos de subjetivação	174
4.7. A transmissão da castração nas entrelinhas da demanda	180
4.8. Do desenvolvimento psicológico ao percurso do significante	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
REFERÊNCIAS	200

INTRODUÇÃO

Foi partindo das inquietações que a vida junto às crianças suscita que percorremos uma trajetória de investigação levando em conta o que a psicanálise procura articular à sua maneira, em especial no campo de pesquisa denominado Psicanálise e Educação. Campo amplo e variado no qual comparecem diversas temáticas e não poucas polêmicas e que inclui os esforços em pensar sobre o que é da ordem da aquisição – no sentido de tomar para si – como algo determinado por certas leis que não podem ser orgânicas, na medida em que o conhecimento é algo que diz respeito à cultura, mas que também não se reduz a ser o efeito de uma relação de comunicação, da informação que passa de um a outro.

Mergulhada nessa experiência de educar crianças, seja na escola, em casa ou no Piá⁵, nos deparamos com a presença da psicanálise na educação nas aulas de Licenciatura na Faculdade de Educação da USP. Nesse encontro, o caráter inquietante dessa vida junto às crianças era destacado como tendo algo de estrutural e por isso mesmo alertava-se para a importância de colocar sob suspeita a

5. O projeto Piá foi um projeto de extensão universitária da Faculdade de Educação da USP que ao longo de uma década de existência promoveu atividades regulares ininterruptas de educação não formal com crianças moradoras das favelas e cortiços do bairro da Barra Funda, na região central de São Paulo. Os princípios do trabalho eram os de uma educação infantil popular, incentivando a apropriação cultural dos espaços públicos e comunitários pela população marginalizada, especialmente pelas crianças.

ilusão de poder controlar o ato educativo pela via do esclarecimento racional e do planejamento pedagógico. Desde a entrada nesse campo de estudos e pesquisas, percebemos que se tratava de andar sobre uma corda bamba e foi assim que avançamos ao longo da iniciação científica e do mestrado, buscando refletir sobre o trabalho educativo como esforço de transmissão simbólica e sobre os possíveis efeitos desse trabalho na constituição subjetiva da criança.

Em nossa pesquisa de mestrado, empreendemos uma aproximação de estudos piagetianos voltados ao tema da alfabetização. Interessara nessa ocasião a discussão acerca do papel do outro na aquisição da escrita pela criança a partir da análise das pesquisas de Emilia Ferreiro, alinhada ao paradigma piagetiano, e de Ana Luiza Smolka, representante de um movimento de questionamento dos limites desse paradigma, adotando, por seu lado, um referencial histórico-cultural. Por fim, exploramos nessa pesquisa as possíveis contribuições que a psicanálise poderia dar ao debate. Para aqueles que tenham interesse em acompanhar o modo como então desenvolvemos o cruzamento da aquisição da escrita pela criança e a constituição subjetiva, remetemos o leitor à nossa dissertação de mestrado⁶.

21

Ao ingressarmos no doutorado, nos detivemos, então, sobre a pergunta: como a psicanálise possibilita formular o que está em causa na emergência de novidades epistêmicas no percurso de uma criança que ingressa no mundo dos conhecimentos compartilhados? Guiados por essa pergunta, enfrentamos o desafio de aprofundar a reflexão sobre as contribuições que a psicanálise pode trazer às questões que inquietam o campo da educação, entendendo que esse é um desafio fundamental na construção de balizas que auxiliem na sustentação dessa presença da psicanálise na educação no avesso da apropriação que a psicologia do desenvolvimento faz da teoria psicanalítica e que alimenta o discurso pedagógico em sua ilusão de poder adequar o ato educativo ao desenvolvimento de potenciali-

6. ANACLETO, J. M. B. O papel do Outro na aquisição da escrita pela criança. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

dades inerentes a um sujeito psicológico⁷. Assim, o trabalho que aqui apresentamos ao leitor é resultado desse processo de investigação que culminou em nossa tese de doutorado⁸, e que aqui se apresenta na forma de livro, com algumas modificações e correções.

22 É preciso salientar que nossa investigação teve como ponto de partida o caminho já percorrido por Lajonquière, em que ele parte do erro sistemático – que impede a criança de avançar no aprender e que fazia, então, com que ela viesse parar no consultório do psicopedagogo – para indagar sobre um elemento causal responsável tanto pelas possibilidades quanto pelas impossibilidades da emergência de novidades no aprender. Em sua pesquisa, o autor se propôs a trabalhar ao mesmo tempo sobre duas vertentes teóricas: piagetiana e freudiana. Visava com isso produzir elaborações teóricas que possibilitassem uma reconceitualização do erro visando sustentar o que ele denominará mais tarde de uma “clínica do aprender”⁹. Na perspectiva piagetiana, o erro é parte do caminho para o acerto e nesse sentido ele é considerado construtivo. No entanto, a persistência do erro apontaria para algo que a psicologia genética não abarca, pois diria respeito à outra ordem de determinação que não aquela da equibração majorante, princípio postulado por Piaget como lei que rege a emergência de novidades segundo uma lógica da superação.

Piaget se dedica a investigar de que modo a ação está sujeita a uma legalidade estrutural que ele denominou *equibração majorante* que impele o organismo à *adaptação vital* através de um jogo com o meio na forma de assimilações e acomodações levando à gênese da inteligência¹⁰. Contudo, o estruturalismo piagetiano não abarca o que escapa a essa legalidade na forma de uma resposta singular. Seu interesse era pelas regularidades das condutas visando isolar os mecanismos comuns presentes nos diferentes indivíduos estudados, compondo o que ele denomina sujeito epistemológico.

7. LAJONQUIÈRE, L. Infância e ilusão (psico)pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1999.

8. ANACLETO, J. M. B. Conhecimento e desejo nas formulações infantis. Tese de doutorado.

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

9. LAJONQUIÈRE, L. De Piaget a Freud. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 [1992].

10. PIAGET, J. A Equibração das Estruturas Cognitivas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976.

Diante desses limites do paradigma piagetiano quando se trata de considerar a presença da singularidade nos processos epistêmicos, Lajonquière propõe um atravessamento de fronteiras em direção à consideração de um sujeito do desejo. Segundo ele, Piaget negaria a possibilidade de irrupção de outra ordem de determinação do pensamento se contrapondo à lei da equilibração majorante dado o que considera "um sonho piagetiano" de ver a efetivação, mesmo que assintoticamente, de um mundo epistêmico formado tão somente pelos conhecimentos historicamente validados. É com vistas ao reconhecimento de uma dupla legalidade que Lajonquière, de seu lado, sustenta que "o pensamento está duplamente articulado entre conhecimento e saber"¹¹. Enquanto os conhecimentos são plurais, o saber é um enigma insolúvel próprio ao desejo. Ambos dizem respeito ao mundo simbólico, porém enquanto os conhecimentos apontam para a tentativa incessante de uma totalidade, o saber aponta justamente para um insistente resto.

Mais ou menos na mesma época do desenvolvimento desses estudos de Lajonquière, vemos surgir uma linha de investigação em psicologia do desenvolvimento voltada à interdependência entre cognição e afetividade que viria incorporar a psicanálise como teoria complementar ao paradigma piagetiano. Partindo da constatação de que esse sujeito piagetiano não seria capaz de recolher por inteiro o "sujeito psicológico" o qual a psicologia empreende todos os seus esforços por recortar devidamente, essa disciplina se lança a buscar aquilo que a teoria piagetiana teria deixado de fora para, enfim, vir a encontrar de fato o sujeito em sua completude de coisa. Toma, então, o caminho de interpretar esse "algo" responsável pelos efeitos discordantes da determinação própria ao sujeito epistemológico piagetiano como sendo a expressão de um sujeito psicológico dotado de intencionalidades, interesses, motivações. Nasce uma linha de investigação pautada pelos pressupostos da psicologia do desenvolvimento e que pretende ampliar o paradigma de origem

11, LAJONQUIÈRE, L. De Piaget a Freud. Petrópolis, RJ:Vozes, 2010[1992], p. 51.

pela inclusão do tema da afetividade. Sustenta-se, assim, que a diferença presente nas estratégias singulares de criação de novidades epistêmicas que levam às reestruturações no modo de pensamento se explicaria pela presença de outros fatores envolvidos no que seria o desenvolvimento psíquico geral de um sujeito psicológico. Nessa incansável cruzada, terminam por reeditar o "sonho platônico" de unir as duas metades da alma dividida, postulando a interdependência entre inteligência e afetividade.

24 Visando reintroduzir, por fim, a parte de sujeito que faltaria àquele dito do conhecimento, esses estudos psicológicos que sustentam a complementação entre cognição e afetividade não só submetem aquilo que pareceria escapar à determinação racional das condutas às mesmas leis que o produziu como resto, como se lançam ainda a articulações teóricas visando retirar de cada qual aquilo que falta às demais. Nessa justaposição de referências teóricas, a psicanálise comparece nesses estudos como complemento capaz de dar notícias da tal afetividade, tida como responsável pelo interesse do sujeito em apreender os objetos em forma de conhecimentos.

É nesse contexto que este trabalho lança-se a intervir problematizando a forma própria com que a psicanálise pode incidir nesse debate, orientando-se pelos fundamentos que Lacan extrai da experiência freudiana e que marcam precisamente a linha divisória com a psicologia. Nesse sentido, nos dedicamos a reabrir a pergunta sobre um modo possível de a psicanálise fecundar o debate sobre o que está em causa na emergência de novidades epistêmicas. Essa re colocação da questão é fundamental porque, justamente, aquilo que separa a proposta de considerar nos processos de pensamento o que é da ordem do sujeito do desejo e essa ou-

NOS DEDICAMOS A REABRIR A PERGUNTA SOBRE UM MODO POSSÍVEL DE A PSICANÁLISE FECUNDAR O DEBATE SOBRE O QUE ESTÁ EM CAUSA NA EMERGÊNCIA DE NOVIDADES EPISTÊMICAS.

tra proposta que incorpora a temática da afetividade aos estudos piagetianos é uma linha tênue, marcada por uma sutileza que, contudo, não é secundária. Pelo contrário, entender essa sutileza nos pareceu fundamental porque diz respeito à reafirmação necessária da relação de avesso entre a presença da psicanálise na educação e aquilo que, no casamento entre a pedagogia e a psicologia do desenvolvimento, se articula como discurso (psico)pedagógico¹².

Pensando no erro sistemático como a insistência do que é da ordem do desvio, o que leva o pensamento a ser afetado pelas perturbações e assumir o desafio de acomodá-las e com isso produzir a novidade epistêmica? O uso do termo afetado visa justamente chamar a atenção para esse elemento que é o que a psicologia do desenvolvimento vai invocar como aquilo que faltaria à teoria piagetiana para passar do sujeito epistemológico, concebido como um centro de funcionamento do princípio de equilíbrio, para o sujeito psicológico ou sujeito particular, que para seguir esse programa epistemológico necessitaria de uma fonte de energia na forma de um interesse por objetos específicos. Ao recorrer à psicanálise entendida como teoria da afetividade, o que a psicologia faz é anexá-la. Althusser, expoente do estruturalismo filosófico, ao saudar a renovação que o ensino lacaniano então operava no meio psicanalítico, acusa a psicologia e a sociologia de tentarem "anexar" a psicanálise, reduzindo-a "a uma técnica de readaptação 'emocional' ou 'afetiva', a uma reeducação da 'função relacional', que nada têm a ver com seu objeto real"¹³. É em oposição a essa anexação que Lajonquière afirma que sua tese da dupla legalidade necessita ser entendida dentro do espírito estruturalista, sem, portanto, se confundir com os fatores cognitivo e afetivo de um suposto sujeito psicológico.

25

Decorre desse contexto que o trabalho que aqui apresentamos ao leitor se dedique a analisar esses estudos integrativos dedicados à interdependência entre cognição e afetividade visando apontar

12. LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (psico)pedagógica*. Op. Cit.

13. ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan. Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985 [1964].

para aquilo que eles silenciam ao reiterar a anulação da diferença. Ou seja, trata-se de explicitar como os pressupostos adotados pelas pesquisas sobre os aspectos afetivos envolvidos na construção do conhecimento determinam uma operação de anulação daquilo que na resposta da criança é da ordem da diferença e, consequentemente, o silenciamento quanto à problemática da causalidade no que diz respeito ao impulso do pensamento à criação de novidades epistêmicas. Com isso, considera-se que a psicanálise em sua vertente estruturalista, ao se construir no avesso da psicologia, possibilita atrelar a problemática da distância entre a determinação estrutural e a resposta singular e a problemática da causa.

26 Segundo Japiassu, Freud funda uma nova ciência ao constituir um novo objeto de análise: o inconsciente enquanto "positividade"¹⁴ cujas leis de funcionamento ele se propõe desvendar. O inconsciente se apresentaria em Freud como a ordem de determinação fundamental da vida psíquica. Isso faz com que o discurso consciente, incluindo aí o discurso da ciência, esteja impregnado pelos mecanismos inconscientes. Nesse sentido, a cientificidade da psicanálise se coloca como problemática. Evitando fazer de sua invenção um sistema, uma cosmovisão ou um conhecimento acabado, Freud possibilita que, ao invés de se afirmar como ciência das ciências, ela se enverede a ser uma "contra-ciência", operando numa (contra)posição frente àquela, procurando recolher aquilo que a objetivação científica necessariamente produz como zona de exclusão no que diz respeito à ordem do subjetivo. O trabalho que apresentamos a seguir, ao pretender justamente explorar essa zona de fronteira entre o verso e o reverso da problemática do sujeito, procura extrair do campo conceitual lacaniano as ferramentas para a delimitação, sempre renovada, dessa linha divisória entre psicanálise e psicologia e, por esse caminho, encaminhar a questão da emergência da diferença nos processos de pensamento no sentido da causalidade estrutural.

14. JAPIASSU, H. *Psicanálise. Ciência ou contraciência?* Rio de Janeiro: Imago, 1998.

Os estudos psicológicos que integram cognição e afetividade e pregam uma complementaridade entre psicologia genética e psicanálises se orientam por uma tentativa de produzir uma explicação totalizante que abarque tanto a dimensão epistêmica quanto aquilo que estaria fora dessa, mas que justamente esses estudos tentam incluir para assim alcançar uma explicação mais completa. Explicação essa que não deixa de ser simplesmente a reafirmação do princípio de equilíbrio como determinação única do pensamento.

Essa questão da tendência à totalização, isto é, ao fechamento de um sistema capaz de abarcar os fenômenos psíquicos em sua totalidade, é uma questão própria à ciência moderna e da qual se ocupa o estruturalismo. Lacan se empenha nesse debate à sua maneira e será possível ao leitor acompanhar ao longo do texto como é, às voltas com essa questão da totalidade, que ele vai costurando essa concepção de estrutura do significante como estrutura paradoxal. Assim, o aparato teórico da psicanálise se constrói, com ele, em torno da problemática da impossibilidade de totalização.

27

Lacan localiza na experiência freudiana um elemento fundamental que é justamente essa abertura para o que é desviante, para o que escapa à intenção e à significação. Como abordar isso de um modo estrutural? Para ele, Freud estaria, de certa forma, empenhado nesse objetivo: dar ao que é desviante uma ordem própria de determinação. E Lacan vai desdobrar isso, primeiramente, afirmando que a experiência freudiana é uma experiência de fala e, portanto, o fenômeno psíquico está inserido num universo de linguagem. E então construindo essa concepção de estrutura significante onde opera uma lógica paradoxal, isto é, um jogo de forças entre, de um lado, fechamento, totalização ou completude e, de outro, abertura, diferença ou incompletude. Com isso, ele busca dar ao desvio um lugar na estrutura sem anulá-lo. Isso implica sair da lógica da superação para uma ideia de uma estrutura que se sustenta sobre o conflito, sobre a tensão entre forças contrárias. Assim, a noção de estrutura significante se sustenta justamente numa dupla legalidade.

É essa concepção *sui generis* da estrutura determinante da vida psíquica que Lacan desdobra a partir da problemática da diferença presente nas respostas subjetivas em relação a uma ordem de determinação que vai se desenhando na investigação lacaniana como uma ordem simbólica, presidida por uma legalidade própria ao funcionamento do significante. É nessa chave que se compreende que a problemática da diferença que a psicologia anuncia como sendo aquela que separa o sujeito epistemológico e um sujeito particular pode ser interpretada como própria ao caráter desviante do sujeito em relação às determinações teóricas normativas. Por fim, na medida em que o próprio sujeito se afirma como efeito estrutural discordante, Lacan atrela a problemática da diferença àquela da causalidade.

28 No centro da estrutura da linguagem formada por marcas diferenciais que ao se articularem produzem efeitos de sentido, Lacan coloca um furo. Diz que existe aí uma falta de um significante que seria justamente aquele que completaria a cadeia e que seria responsável pelo fechamento último da significação. Com isso, ele se encaminha para uma noção de objeto que faria as vezes dessa "substância" responsável pelos efeitos discordantes, ou seja, aqueles que negam uma significação já dada, e que seria justamente aquilo que colocaria a estrutura em funcionamento ao impedir o seu fechamento último e daí deriva a possibilidade do surgimento de algo novo. Lacan dá a isso o nome de "objeto causa do desejo" ou simplesmente objeto a . Assim, é justamente por esse caminho que chegamos à questão da causa estrutural ou, em outras palavras, à ideia de que o funcionamento da estrutura é causado e não automático.

Afirmar um funcionamento estrutural causado por sua incompletude nos parece pertinente quando se trata justamente de pensar que postular o princípio de equilíbrio como lei única que rege o funcionamento da estrutura cognitiva orientando o pensamento para fechamentos cada vez mais complexos implica sustentar que logicamente essa complexificação precisa alcançar um final que é, no caso da psicologia do desenvolvimento, o pensamento adulto. Mas a verdade é que estamos o tempo todo correndo atrás de algo

que nos escapa. Então, é preciso haver uma força de abertura responsável por recolocar a estrutura em funcionamento ou, em outros termos, por relançar a palavra em circulação.

Toda essa discussão teórica perpassa os quatro capítulos deste livro. No primeiro, nos focamos na apresentação das características principais das pesquisas psicológicas que se desenrolam na intersecção entre inteligência e afetividade. Nessa apresentação, optamos por um cotejamento de alguns trabalhos específicos ao invés de um panorama mais amplo. O foco se deu naqueles que mantinham como principal referência a teoria piagetiana e recorriam, dentre outras, à psicanálise como complemento possível a fim de apreender o sujeito em sua totalidade. Também é importante salientar que não é intuito dessa investigação estabelecer um debate com a teoria piagetiana propriamente dita, mas tomá-la a partir da apropriação feita pela psicologia do desenvolvimento.

O segundo capítulo explora o percurso lacaniano de delimitação do que Nancy e Lacoue-Labarthe definirão como "ciência da letra" erigida sobre a articulação de uma teoria da linguagem e uma teoria do sujeito¹⁵. É importante destacar que ao longo do segundo capítulo optamos por retrazar um caminho de teorização com suas etapas sucessivas de formulações a fim de apontar como Lacan vai dando um tratamento novo a problemas que se colocavam no meio psiquiátrico em que ele estava inserido e como encontra limites conceituais que exigem novos esforços teóricos. Essa escolha se justifica principalmente porque se trata de polêmicas que se atualizam no campo das pesquisas psicológicas sobre o desenvolvimento humano em torno da questão da causalidade psíquica. Assim, acompanhar com cuidado o embate empreendido por Lacan com os psiquiatras e, mais adiante, com a psicologia, fornece as ferramentas necessárias para estabelecer um debate fecundo com os estudos psicológicos em torno da causalidade dos processos cognitivos.

15. NANCY, J.-L.; LACOUÉ-LABARTE, P. O título da letra. São Paulo: Escuta, 1991.

Feito esse percurso, pretendemos clarear o entendimento de que falar em anulação da diferença, no interior da teoria psicanalítica, é o mesmo que falar em anulação da palavra, a qual resulta ora em uma concepção de estrutura onde não há espaço para o que é da ordem de um sujeito singular, ora no abandono do estruturalismo em favor de uma perspectiva fatorialista por onde a questão da causa é ofuscada pela verificação de como os elementos pré-estabelecidos se relacionam.

30 Elucidando essa questão a partir de uma concepção estrutural paradoxal, a investigação se direciona, então, no terceiro capítulo, para a interpretação do que está em jogo nas formulações infantis e naquilo que Freud extrai de suas observações como pulsão de saber¹⁶. Se a psicologia, ao anexar a psicanálise, vê no caráter desviante das teorias sexuais infantis em relação ao esclarecimento uma evidência de um modo particular de pensamento próprio à infância, acompanhando os textos freudianos descortina-se uma indagação incansável em torno daquilo que em sua escuta singular se apresenta como além da verificação de suas teses. Isso se mostra em toda sua força no caso do pequeno Hans, levando Freud à articulação entre teorias sexuais infantis, angústia e castração.

É em torno da problemática da angústia que se mostra o lugar dos afetos na teoria freudiana. É a emergência desses que faz questão e convoca o psicanalista a desvendar o que seria propriamente da ordem da causa. Se a angústia, enquanto afeto, é uma manifestação consciente, a tarefa do psicanalista é indagar de que causa ela seria o efeito. Perseguindo esse enigma, Freud constrói a noção de complexo de castração. Reiterando a experiência freudiana como experiência de fala, Lacan avança naquilo que se apresenta como impasse na teoria freudiana da angústia de castração entre interno e externo, desembocando, por sua releitura do caso Hans através da qual constrói uma teoria da constituição do sujeito, na formulação de uma dialética intersubjetiva da demanda e do desejo. Essa remete ao próprio paradoxo que rege o funcionamento da estrutura significante. Gira, portanto, em

16. Ver-se-á como, dentro do vocabulário lacaniano, essa noção freudiana se desdobrará em demanda de saber e desejo de saber.

torno de um ponto de impossibilidade que diz respeito à própria instabilidade da reunião entre significante e significado. Ao mesmo tempo, não deixa de indicar como essa dinâmica, que não é propriamente a do sujeito, mas do significante, se dá num contexto de interlocução.

No quarto capítulo, é retomado o debate com a psicologia do desenvolvimento e seus estudos sobre afetividade. Visamos, a partir do percurso feito através da psicanálise freudo-lacianiana, apontar por quais operações eles procuram anular aquilo que é da ordem da diferença entre determinação estrutural e manifestação subjetiva. Destaca-se a conjugação que esses estudos realizam entre uma ampliação totalizante do campo de atuação do princípio de equilíbrio, confundido com um princípio evolutivo, e o foco na verificação empírica, onde os enunciados das crianças extraídos de situações experimentais e de entrevistas funcionam como indicadores de um processo de gênese determinado previamente.

É importante frisar que a teorização lacianiana aqui apresentada abrange aquilo que o psicanalista desenvolveu até meados da década de 1960, visto termos priorizado a discussão entre estruturalismo e desenvolvimentismo. Assim, não se levou em conta, nessa investigação, os desdobramentos subsequentes da teorização lacianiana, em especial as modificações quanto à discussão sobre o saber a partir do foco maior dado por Lacan, em período posterior, à noção de gozo.

Por fim, pretendemos que, tendo estabelecido os elementos fundamentais da diferença entre a interpretação desenvolvimentista da teoria freudiana sustentada pelos estudos psicológicos em debate e a leitura estruturalista lacianiana, possa-se desvelar uma consideração das formulações infantis em termos causais, o que implica o abandono de uma perspectiva evolutiva, possibilitando a emergência daquilo que é da ordem de um percurso significante tendo como causa o vazio estrutural da linguagem e como efeito a emergência tanto de um sujeito como de novidades epistêmicas. Consideração essa que visa contribuir com os debates que tanto entre psicólogos como entre educadores se desenrola em torno dos determinantes da aquisição de conhecimentos pela criança.